

A POÉTICA DO SUICÍDIO
EM SYLVIA PLATH

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

REITORA Sandra Regina Goulart Almeida

VICE-REITOR Alessandro Fernandes Moreira

EDITORA UFMG

DIRETOR Flavio de Lemos Carsalade

VICE-DIRETORA Camila Figueiredo

CONSELHO EDITORIAL

Flavio de Lemos Carsalade (PRESIDENTE)

Ana Carina Utsch Terra

Angelo Tadeu Caetano

Camila Figueiredo

Carla Viana Coscarelli

Élder Antônio Sousa e Paiva

Emília Mendes Lopes

Ênio Roberto Pietra Pedroso

Henrique César Pereira Figueiredo

Kátia Cecília de Souza Figueiredo

Lívia Maria Fraga Vieira

Luciana Monteiro de Castro Silva Dutra

Luiz Alex Silva Saraiva

Marco Antônio Sousa Alves

Raquel Conceição Ferreira

Renato Assis Fernandes

Ricardo Hiroshi Caldeira Takahashi

Rita de Cássia Lucena Velloso

Rodrigo Patto Sá Motta

Weber Soares

ANA CECÍLIA CARVALHO

A POÉTICA DO SUICÍDIO
EM SYLVIA PLATH

2ª edição

(EDITORAufmg)

| | |
|--------------------------------------|--|
| COORDENAÇÃO EDITORIAL | Michel Gannam |
| DIREITOS AUTORAIS | Anne Caroline Silva |
| ASSISTÊNCIA EDITORIAL | Eliane Sousa |
| COORDENAÇÃO DE TEXTOS | Clarissa da Cunha Vieira |
| REVISÃO E NORMALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA | Maria do Carmo Leite Ribeiro |
| REVISÃO DE PROVAS | Rodrigo Pires Paula e Rubens Silvério Martins |
| ATUALIZAÇÃO ORTOGRÁFICA | Lira Córdova |
| COORDENAÇÃO GRÁFICA | Fernando Freitas |
| PROJETO GRÁFICO | Cássio Ribeiro |
| FORMATAÇÃO E MONTAGEM DE CAPA | Ederson Ciriaco |
| IMAGEM DA CAPA | Paul Klee, <i>Abenteuer eines Fräuleins</i> , 1922 |
| PRODUÇÃO GRÁFICA | Warren Marilac |

© 2003, A autora

© 2003, Editora UFMG

2023 - 2. ed.

Este livro, ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

C331p Carvalho, Ana Cecília.
A poética do suicídio em Sylvia Plath / Ana Cecília Carvalho. 2. ed. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

335 p. (Origem)

Este livro é uma versão modificada de tese de doutorado em Literatura Comparada, defendida na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em 1998 com o título: "Escrita com fim, escrita sem fim: a poética do suicídio em Sylvia Plath"

ISBN: 978-65-5858-103-1

1. Plath, Sylvia - Biografia. 2. Escritoras americanas - Biografia. 3. Literatura americana - Séc. XX. 4. Psicanálise. 5. Suicídio.
I. Título. II. Série.

CDD: 929
CDU: 920.72

Elaborada por Vilma Carvalho de Souza – Bibliotecária – CRB-6/1390

EDITORA UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – CAD II / Bloco III

Campus Pampulha – 31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel: + 55 31 3409-4650 – www.editoraufmg.com.br – editora@ufmg.br

Em memória dos meus pais Onaldo e Esther,
e dos queridos Adelaide Bouchardet Davis, Adelson Souza
Pires, Belkiss Pandiá Guimarães e Eneida Maria de Souza.

Com gratidão e saudade.

Agradecimentos

Pela confiança, sabedoria e amizade, também por sua generosidade e paciência infinitas, serei sempre grata a Ruth Silviano Brandão, minha orientadora e mestra.

Agradeço a minha irmã Betty Bronfen, aos meus filhos Samuel e Gisella, e aos queridos Adelaide Bouchardet Davis (*in memoriam*), Jim Davis e Maria Dalva Lima Silva, entre tantos que tornaram este trabalho não apenas possível, mas sobretudo prazeroso.

Pela interlocução preciosa, agradeço aos meus estimados Edson Rosa da Silva, Eliane Accioly, Lucia Castello Branco, Riva Satovschi Schwartzman e Sandra Regina Goulart de Almeida.

Minha gratidão a Wander Melo Miranda e Camila Figueiredo, pelo acolhimento do manuscrito, respectivamente, na primeira e na segunda edição deste livro.

Finalmente, agradeço a Lyslei Nascimento. Sem seu incentivo, amizade e apoio incondicional, esta segunda edição ficaria apenas na ideia.

A solidão também quer dizer isso: ou
a morte, ou o livro. Descobrir que só a
escrita pode nos salvar.

Marguerite Duras, *Escrever*

Só escrevo porque há uma voz dentro de
mim que não se cala.

Sylvia Plath, *Letters home*

A fúria entope a garganta e espalha ve-
neno, mas assim que começo a escrever,
ela se dissipa, fluindo através das figuras
das letras: escrever como terapia?

Sylvia Plath, *The unabridged journals of
Sylvia Plath*

A escrita vai muito longe. Até se acabar.

Marguerite Duras, *Escrever*

NOTA À 2ª EDIÇÃO

Vinte anos se passaram desde a primeira edição deste livro, lançado em 2003 e então concebido como uma versão modificada de minha tese de doutorado em Literatura Comparada (linha de pesquisa: Literatura e Psicanálise), defendida na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em 1998. Para lembrar os sessenta anos da morte de Sylvia Plath, esta nova edição, revista e atualizada, procura manter viva a sua obra e a sua voz. Desde o título, *A poética do suicídio em Sylvia Plath*, apresento um convite para pensarmos nos limites da escrita literária. Ao aceitar esse convite, o leitor será levado a suspender a idealização que costumamos fazer entre a criação literária e o alívio do sofrimento mental, pois nem tudo é júbilo nos caminhos que transformam esse sofrimento em texto poético e literário. Nesse caminho de mão dupla, na transformação entre vida e obra, existem aspectos que apontam para o que, neste ensaio, denomino de *toxidez da escrita*, fenômeno que se torna visível em Sylvia Plath, uma escritora que se matou em plena produção literária. É aqui que a psicanálise comparece, para responder às interpelações surgidas diante do autoextermínio e o enigma que ele propõe no contexto da função da escrita criativa.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 15

INTRODUÇÃO 17

PARTE 1

POÉTICA AUTOBIOGRÁFICA

Capítulo 1
VIDA E OBRA 31

Capítulo 2
FAMA PÓSTUMA 41

Capítulo 3
ESCRITA EM ESPIRAL 55

Capítulo 4
A INVENÇÃO DO EU 67

Capítulo 5
A REVELAÇÃO NO APAGAMENTO 77

Capítulo 6
A VERDADE DA FICÇÃO 91

Capítulo 7
ESCRITA COMO REMÉDIO OU VENENO? 105

PARTE 2
POÉTICA DA TRADUÇÃO

| | |
|---|-----|
| Capítulo 8 TRADUZIR A LÍNGUA EXILADA | 125 |
|---|-----|

| | |
|--------------------------------------|-----|
| Capítulo 9 TRADUÇÃO DA MELANCOLIA | 161 |
|--------------------------------------|-----|

PARTE 3
POÉTICA DA MELANCOLIA

| | |
|-----------------------------------|-----|
| Capítulo 10 LÍNGUA MELANCÓLICA | 187 |
|-----------------------------------|-----|

| | |
|--------------------------------|-----|
| Capítulo 11 ESCRITA E AFETO | 217 |
|--------------------------------|-----|

| | |
|---|-----|
| Capítulo 12 VOCALIDADE: POÉTICA DA VOZ | 247 |
|---|-----|

| | |
|---|-----|
| Capítulo 13 “QUE CERIMÔNIA DE PALAVRAS PODERÁ REMENDAR A DESTRUIÇÃO?” | 261 |
|---|-----|

| | |
|---|-----|
| Capítulo 14 POÉTICA DO SUICÍDIO: FRACASSO DA SUBLIMAÇÃO? | 273 |
|---|-----|

| | |
|-------|-----|
| NOTAS | 281 |
|-------|-----|

| | |
|-------------|-----|
| REFERÊNCIAS | 305 |
|-------------|-----|

| | |
|--------|-----|
| ANEXOS | 325 |
|--------|-----|

| | |
|---|-----|
| 1 Lista dos poemas de Sylvia Plath, citados, traduzidos para o português | 325 |
|---|-----|

| | |
|-------------------------------------|-----|
| 2 Referências dos poemas traduzidos | 329 |
|-------------------------------------|-----|

PREFÁCIO

Ana Cecília Carvalho é escritora e psicanalista e, como passageira de espaços heteróclitos, passa por litorais, fronteiras e confluências de coisas ou saberes de diversas ordens ou categorias díspares. Entretanto, o que pode sugerir uma impossibilidade torna-se um desafio que surge da experiência com a escrita. O termo experiência, que tem etimologicamente perigo em seu radical, sugere que só enfrentando o risco o intelectual cria novas saídas, por releituras, reinvenções, reinscrições. Este livro trata da escrita de Sylvia Plath, sem se reduzir a uma patografia, pois a autora trabalha no fio da letra, evitando soluções vindas de um raciocínio binário, produzido pela tentação do espelhamento, da analogia que supõe a obra como efeito imediato da vida, numa infundável proliferação de signos e de construções fantasmáticas. No fio da escrita, metonimicamente, Ana Cecília persegue o traço de Sylvia Plath em direção à morte — morte que foi a impossibilidade de estancar o jato de sangue que flui de uma ferida nunca cicatrizada, uma dor de existir que irrompe no ponto insuportável em que a letra exhibe o fracasso de sustentar uma vida cujo traço essencial foi a melancolia. O que este livro revela é que a escrita não é sempre remédio, pois não barra de forma cabal as pulsões destrutivas e, entretanto, aquele que escreve pode fazer poesia até a morte, radicalizando a surpreendente intransitividade

do ato poético. Enfrentar a vertente trágica da poesia permitiu a Ana Cecília Carvalho criar um estranho conceito, o de poética do suicídio, e, ao mesmo tempo, construir uma leitura em que não se deixou emaranhar pela fascinação narcísica da melancolia, não cedendo à atração medusina de um texto que aponta para águas sombrias sem, entretanto, perder sua eficácia poética. Se é possível falar em travessia da escrita, Ana Cecília fez passagens pelo texto de Plath em suas dimensões imaginária e simbólica, nunca o reduzindo a uma leitura totalizadora, mas, ao contrário, fazendo avançar um saber em aberto sobre a literatura no ponto mesmo em que pulsa a força da letra.

Ruth Silviano Brandão

INTRODUÇÃO

Interpretar, assim como escrever, é abrir sentidos antes insuspeitados. Procede daí, dessa conjunção entre a interpretação e a escrita, a aproximação mutuamente fascinante entre a psicanálise e a literatura. Ambas florescem da mesma raiz que as caracteriza como desvendadoras privilegiadas das expressões originadas no solo inconsciente, e têm como aspecto mais notável o manifestar-se na linguagem, aferrando-se ao seu aspecto essencial, que é o de não ser unívoca, isto é, nunca dizer exatamente tudo. É nesse ponto de onde surge a interpretação — ponto de fragilidade e de força — que psicanálise e literatura se encontram, trabalhando em um terreno em que é impossível não se dizer e, ao mesmo tempo, em que não se pode tudo dizer. A escrita, tanto quanto a interpretação psicanalítica, parece nutrir-se desse impasse.

É possível que venha daí a urgência inerente ao ato de escrever. Sua tirania e sua inevitabilidade são, muitas vezes, para o escritor, fenômenos inexplicáveis. Por que se escreve? Para que se escreve? A quem o escritor se dirige quando escreve? São perguntas que o escritor mal ousa se fazer, já que ninguém melhor do que ele sabe da perigosa esterilidade que elas contêm. O escrever parece brotar de uma necessidade inadiável, e são velhos conhecidos dos escritores os temores ligados à interrupção da escrita. “Coisa curiosa, um

escritor” — refletiu Marguerite Duras em um de seus últimos textos no qual discorre sobre o ato de escrever¹ — “ele é uma contradição absurda, pois escrever é também não falar. É se calar.”

Duras parecia estar tocando no ponto de tensão próprio do trabalho literário: ponto de impasse e, portanto, de risco. E que risco poderia haver na criação literária? A pergunta não é descabida, sobretudo se nos voltarmos para a reflexão da própria Duras, para quem escrever é “uma forma de pensar, de raciocinar”. Para ela, essa é a função da escrita, na medida em que “permite ao escritor dizer para si mesmo que não é preciso se matar todos os dias, visto que é possível se matar a qualquer dia”.²

Se acatarmos a ponderação de Duras, não estaremos longe de formular a ideia de que existe algo no trabalho de criação que coloca o escritor diante de uma escolha terrível: escrever ou morrer — possibilidade surpreendente, pois indicadora da presença de forças destrutivas no centro do processo de criação. Nosso assombro diante dela torna-se maior quando nos defrontamos com a escrita de alguém que, diferentemente de Marguerite Duras — mas em meio a uma intensa produção criativa, justo no momento em que parecia ter encontrado sua identidade literária —, decidiu interromper a vida com um suicídio, encerrando, assim, a escrita.

É o caso de Sylvia Plath, escritora americana que se asfixiou com gás em fevereiro de 1963, aos 30 anos, em Londres, onde morava. Com sua morte (ao lado de Virginia Woolf, que se matou por afogamento em 1941, e Florbela Espanca, poeta portuguesa morta por ingestão de barbitúricos em 1930), Sylvia Plath passou a ser incluída em um cânone sinistro de escritoras suicidas, segundo o qual criatividade e autoextermínio estão associados de modo enigmático. Ao longo do século XX, esse *cânone* não parou de crescer, também fazendo parte dele Anne Sexton, poeta americana que se suicidou em 1974, Ana Cristina Cesar, escritora brasileira que se matou em 1983, e Isabel Marie, psicanalista e escritora nascida

na Espanha e radicada na França, que, em 1996, enforcou-se pouco tempo depois de seu romance *La bonne* [*A criada*] ter sido indicado para a prestigiosa lista dos prêmios Goncourt, Femina e Medecis.

Certamente não podemos articular do mesmo modo o suicídio de cada uma delas e suas obras tão variadas, pois, como parece evidente, suas vidas transcorreram em contextos históricos, sociais e culturais distintos, e suas problemáticas pessoais eram muito diferentes. Mas talvez fosse proveitoso pensar no tipo de envolvimento talvez existente entre a escrita e o suicídio. É impossível, portanto, não levar o suicídio dessas autoras em consideração na leitura dos seus textos. Contudo, um dos perigos diante do parentesco estabelecido entre elas por causa de seus suicídios é concluirmos equivocadamente que o fato de todas terem tido o mesmo destino trágico faria com que fossem apagadas as diferenças existentes entre seus textos. Não é minha intenção fazer uma comparação entre as muitas e diferentes construções textuais que essas autoras realizaram, de forma que algo como um perfil da autora suicida fosse traçado. Ainda que isso fosse feito, parece óbvio que as vozes, temas, formas e filiações assim comparadas seriam muito diversas, o que sem dúvida apenas evidenciaria a singularidade de cada uma em seus projetos literários. Isso não nos ajudaria a recolocar a questão do suicídio e sua relação com a escrita, pois, se essa associação existe, provavelmente nada nos autoriza a ligá-la extensivamente a todo o universo das escritoras suicidas. Mesmo assim, o enigma de seus suicídios persiste.

O caminho que me pareceu mais profícuo foi o que rastreou, dentro do projeto literário de apenas uma delas (no caso, Sylvia Plath), aqueles elementos que testemunham, em sua concretude, as marcas das forças destrutivas que fizeram a autora calar-se repentinamente. São esses traços que exigem do leitor crítico um posicionamento, caso ele se anime a prosseguir em sua análise das autoras suicidas da contemporaneidade.

Não obstante, qualquer abordagem que se faça ao texto de alguém que, como Sylvia Plath, matou-se em plena produção literária, dificilmente poderá evitar um curioso efeito de leitura: a impossível dissociação entre o fantasma da biografia da escritora (cujo suicídio funciona como uma presença inarredável) e a construção do texto. Parafraseando Freud, produz-se, assim, algo como se a sombra do suicídio da autora tivesse caído permanentemente sobre o texto, de maneira que o leitor se vê à procura dos anúncios desse destino trágico em meio às linhas que lê, campo no qual estariam inscritas as pegadas que, se seguidas, poderiam lhe mostrar o caminho que levou a escritora ao autoextermínio.

Talvez não sem razão proliferaram durante algum tempo leituras que utilizavam o texto para compor um diagnóstico da personalidade do autor suicida. O equívoco desse tipo de leitura está em ver-se o texto como uma espécie de teste projetivo da mente supostamente doentia do autor, já que privilegia apenas o aspecto não literário (o suicídio) e lê o texto através dele. Assim sendo, acaba por negligenciar inteiramente todos os aspectos que compõem o complexo da construção textual. Por outro lado, provavelmente tentando escapar à fascinação paralisante que a escrita do autor suicida desperta, algumas leituras se voltaram para uma análise puramente formal, ignorando a importância de um elemento como o suicídio e seus antecedentes biográficos. Daí resultou uma leitura desvitalizada do texto, como se fosse possível ignorar a densidade afetiva que mobilizou a escrita e o sofrimento emocional que antecedeu o suicídio.

Pode-se, porém, evitar essas dificuldades aparentemente insuperáveis recorrendo-se à mediação daquelas teorias que, privilegiando a enunciação, impedem o mergulho do leitor no imaginário especular do texto. Além disso, esse instrumental teórico não deixa de lado aspectos que ilustram de modo emblemático o intrincamento da vida do autor suicida e sua obra, uma vez que o suicídio parece colocar em questão, a um só tempo, a função, os

limites e a eficácia da escrita, e a existência de aspectos mortíferos e destrutivos na criação literária. A questão é ver de que maneira vida e morte aparecem em uma escrita que, não deixando de ser autobiográfica, revela o elemento biográfico como anteparo e fonte, ao mesmo tempo em que testemunha a constante transformação desse mesmo elemento. Nesse sentido, sob a luz das noções freudianas que privilegiam a ideia do conflito pulsional e seus destinos, a escrita de Sylvia Plath parece exemplar, não apenas porque seu aspecto autobiográfico aponta para a indissociação entre vida, morte e obra, como também pela constante preocupação ali revelada a respeito da função e dos limites da escrita.

Por mais de uma vez, Sylvia Plath escreveu sobre a faceta terapêutica da escrita. Deixou registrada, por exemplo, a convicção de que a escrita funcionava para ela como alimento, algo tão essencial que a fazia sentir-se plenamente realizada. Refletiu, ainda, sobre a reordenação e restauração do mundo por via da escrita, e seus diários estão repletos de passagens nas quais deixa evidente que considerava sua vida um texto que podia ser sempre reinventado e reescrito. Em uma afirmação na qual pareceu reposicionar-se diante dos pressupostos elementares do *New Criticism*, disse acreditar que o escritor deveria fazer uso de suas mais sofridas experiências, como a loucura e a tortura, mas que deveria transformá-las em texto com uma mente lúcida que desse uma forma a essas experiências. Em um poema escrito quatro dias antes de morrer, diria, porém, que “o jato de sangue é poesia” e “não há nada que o detenha”.

Em um artigo sobre a morte de Sylvia Plath, Anne Sexton escreveu: “O suicídio é, afinal, o oposto do poema.” O problema, disse Sexton, é que os suicidas têm uma linguagem especial e, como carpinteiros, só querem saber *quais* ferramentas usar: nunca perguntam *por que* construir. Sexton, que se suicidaria nove anos depois de Sylvia Plath, relacionava ainda o precário equilíbrio do

suicida a “alguma coisa não dita, o telefone fora do gancho, e o amor, seja lá o que for, uma infecção”.³

É tentador pensar que Ana Cristina Cesar estabeleceu com Anne Sexton e com Sylvia Plath — de quem, convém lembrar, a escritora brasileira chegou a traduzir alguns poemas — uma espécie de interlocação, ao dizer em seu poema “Contagem regressiva”, escrito poucos meses antes de seu suicídio aos 31 anos: “Os poemas são para nós uma ferida.”⁴

Se é verdade que o suicídio do escritor parece colocar em questão a função da escrita, ao amarrar em um nó aparentemente indissociável a experiência vivida, a morte e a criação literária, é preciso reconhecer que existem limites no trabalho de transformação operado entre os vários registros de captação de uma experiência. É também por essa razão que a obra de Sylvia Plath presta-se a esse tipo de exame. Seu projeto literário incursionou pelos mais variados gêneros, dos diários à correspondência, do poema ao romance, do conto ao texto teatral e ao ensaio, em uma intertextualidade que problematiza de modo notável uma escrita do eu essencialmente ficcional que, reinventando-se, desestabiliza a identificação de referenciais.

Além disso, em uma escrita na qual se encontra a multiplicação incessante do elemento ficcional ao longo de toda uma variedade de gêneros, perfila-se um limite que, ora Sylvia Plath busca ultrapassar, ora busca reencontrar. Esse limite aponta, de um lado, para a necessidade de reordenar, restaurar e reinventar o seu mundo interno ameaçado por um sentido que sempre escapa. Disso provêm as inúmeras possibilidades de “tradução” e representação simbólica que tornaram sua escrita possível. De outro lado, esse limite indica, também, que, ao escrever, Sylvia Plath arriscava-se a constantemente enfrentar a resistência que toda experiência interna oferece à significação. O impasse, aqui, sugere um embate insolúvel entre

o impulso para dizer e o silêncio que parece existir no interior da linguagem, silêncio indicador da presença da morte.

Se seguíssemos as pegadas deixadas pela representação da morte em seu texto, provavelmente veríamos que não serão diferentes das de outros autores (não suicidas) que também ousaram alcançar os limites da palavra a fim de denunciar o real pela escritura. Não é esse, portanto, o caminho que segui aqui, já que meu interesse era examinar o diálogo que Sylvia Plath promoveu entre seus textos e a maneira como reescreveu sua vida, a fim de obter, nessa poética autobiográfica, os pontos de limite e de tensão de sua escrita. Procurei manter-me próxima do que Frieda Hughes apropriadamente sugere a todo aquele que se debruça sobre a obra de sua mãe: embora a escrita e a morte tenham feito de Sylvia Plath um ícone, ela só pode ser definida pelas palavras que deixou.⁵

Dois eixos estruturam este livro. Um deles privilegia a disposição afetiva que anima a escrita de Sylvia Plath, destacando-se nela um discurso da melancolia. Nada nesse objetivo nos autorizaria, contudo, a utilizar essa escrita para diagnosticar a autora como melancólica. A melancolia que em Sylvia Plath se tornou escrita está apoiada sobre as bordas de um vazio que é central na linguagem, embora em seus textos isso surja associado especificamente a certos significantes que deslizam para evocar a ressonância de perdas pessoais reais ou imaginadas. O outro eixo diz respeito ao intrincamento indissociável dos fios autobiográficos e textuais que sua escrita tece em uma obra onde o ficcional muitas vezes se faz passar pela realidade mais factual. Seu texto buscava reconstruir não uma história verídica, mas uma organização fantasmática. O exame realizado aqui, além de discutir os aspectos supostamente confessionais de sua escrita, privilegia, portanto, o drama de uma subjetividade que parece não existir em outro lugar que não seja o texto.

O elemento que articula psicanálise e literatura neste trabalho é o exame da finalidade da escrita, tomando-se como base a escrita de Sylvia Plath para uma análise da sua dupla face de escrita terminável e escrita interminável. Nesse sentido, os operadores teóricos do recalçamento e da pulsão foram úteis, pois permitiram que se examinasse o caráter terminável da escrita em sua relação com o recalçamento, assim como sua faceta interminável, que aponta para a iminência do transbordamento pulsional. A escrita de Plath exhibe o conflito entre forças construtivas e destrutivas agindo na cena da criação literária.

Isso é o que permitiu o redimensionamento do conceito de sublimação, tão caro a uma certa tradição psicanalítica que insiste em vê-lo como aquele que descreve o “caminho feliz” para o sofrimento psíquico. O desenvolvimento desta pesquisa permitiu questionar essa opinião clássica, uma vez que a escrita e o destino trágico da poeta descrevem um movimento contrário. Em seus textos, além de não existirem limites rígidos entre a vida e a escrita, a autodestruição e o fracasso da sublimação se insinuam como possibilidades inevitáveis. Não se pode deixar de pensar que, afinal, Freud estava tocando num importante aspecto da criação literária e artística quando perguntou, diante dos aspectos prazerosos da sublimação, por que o sofrimento emocional do artista não era aliviado.

Um breve rastreamento do destino literário de Sylvia Plath, desde sua morte, mostrará que sua obra nunca cessou de interessar aos pesquisadores e críticos literários, embora sua divulgação no Brasil ainda seja relativamente pequena. Sua fortuna crítica tem sido, na maior parte, permeada por uma ênfase biográfica que a distingue. É assim que, em meados de janeiro de 1998, rompendo um silêncio de mais de três décadas, durante as quais sistematicamente se recusou a conceder entrevistas sobre Sylvia Plath, aquele que foi seu marido, o poeta inglês Ted Hughes, (que viria a falecer em outubro de 1998) publicou o livro *Birthday letters* (traduzido

para o português com o título *Cartas de aniversário*), reunião de 88 poemas nos quais relata sua vida com ela. Essa publicação imprevista redobrou consideravelmente o interesse da crítica pela vida e obra de Sylvia Plath, fazendo repetir um certo efeito de leitura que é velho conhecido dos estudiosos da escrita plathiana. Esse efeito, cuja oscilação pude sentir diversas vezes durante a realização desta pesquisa, resulta da poética autobiográfica que sustenta sua escrita. Diante dela, o leitor sente-se compelido a “tomar partido” da autora, em detrimento do texto. Assim sendo, é preciso um esforço redobrado, para se desprender do imaginário desse fenômeno, a fim de, ao contrário do que propôs recentemente uma crítica,⁶ não se arrepiar com o fantasma de Sylvia Plath, e sim com sua poesia.

A maior parte das leituras do texto plathiano deixa de levar em consideração o fato de que, nessa poética autobiográfica, o eu que ali fala é uma invenção textual. Os exemplos selecionados do vasto universo da crítica literária dedicada à obra de Plath ressaltam, neste livro, o modo como refletem o registro do Imaginário de que são cativos, sobretudo porque a poética autobiográfica da autora levanta uma questão sobre as noções próprias do Imaginário, tais como a identificação, a fantasia e a realidade psíquica.

Um aspecto importante aqui examinado é o limite representacional da escrita, uma vez que a poesia de Plath aponta para a indizibilidade no coração da linguagem, “lá onde se entrevê a morte da linguagem”.⁷ Se existe algo na sua escrita que alcança essa indizibilidade, ao mesmo tempo em que aponta para uma *poética do suicídio*, estará relacionado provavelmente a dois movimentos distintos. O primeiro movimento é caracterizado por um esforço de metaforização que, não estando de todo ausente em sua poesia, predomina sobretudo em sua escrita ficcional, diarística e epistolar. O segundo, metonímico por excelência, caminha para uma desmetaforização na linguagem e pode ser facilmente encontrado em sua poesia mais tardia, embora já esteja em um trabalho mais antigo

como “Poem for a birthday”, escrito em 1959. Esse segundo movimento coincide com seu suicídio e mostra o ponto de indizibilidade que prevalece na poesia da melancolia que Plath estava produzindo nos últimos meses de sua vida.

As dificuldades que um leitor de língua portuguesa encontra ao ler a poesia de Sylvia Plath não são menores do que as encontradas por um leitor de língua inglesa. O aspecto “estrangeiro” de sua poesia foi aqui considerado tendo-se em vista que uma questão crucial era ligar o estilo singular da poeta a uma busca nostálgica por uma “terceira língua”, que assoma além da língua oficial adotada por seus pais. Nesse sentido, sua dificuldade em aprender a língua alemã de seus antepassados, a “obscena” língua alemã — tal como ela diria no famoso poema “Daddy” — foi examinada. Todos esses elementos serviram para ilustrar o impacto da língua do exílio e sua ressonância emocional em uma *poética da tradução* que parece caminhar para o indizível. Sua escrita foi, assim, considerada em um contexto de tradução, não apenas porque escolhi trabalhar com a escrita de uma poeta de língua inglesa, mas, sobretudo, porque se tornou necessário considerar a economia do esforço tradutivo presente no interior da produção textual de Sylvia Plath.

Uma observação final deve ser feita. Mesmo a obra de Sylvia Plath tendo conquistado crescente e ininterrupto reconhecimento mundial, sua vida e sua obra são relativamente pouco conhecidas do leitor brasileiro, embora existam traduções portuguesas e brasileiras de parte da sua poesia, dos seus diários, romance e contos. Entre essas traduções, encontram-se *A redoma de vidro* [*The bell jar*], *Johnny Panic e a bíblia dos sonhos* [*Johnny Panic and the bible of dreams*], *Mary Ventura e o Nono Reino* [*Mary Ventura and the Ninth Kingdom: a story*], *Ariel* [*Ariel*], *Os diários de Sylvia Plath (1950-1962)* [*The unabridged journals of Sylvia Plath*]; *O livro das camas e outras histórias* [*The bed book*]; *O terno tanto faz como tanto fez* [*The it-doesn't-matter suit*]. Uma boa amostra de sua poesia se encontra, por exemplo, no livro

Poemas, em tradução feita por Rodrigo Garcia Lopes e Maurício Arruda Mendonça, e em *Retrato de Sylvia Plath como artista*, por Augusto de Campos. Contudo, até o momento ainda não há tradução para o português de *Letters home* [Cartas para casa]. Em 2023 a Companhia das Letras lançou *Poesia reunida*, tradução em português do volume *Collected poems*, agraciado postumamente com o Prêmio Pulitzer em 1981.

A relativa escassez na tradução para o português de sua obra poética pode constituir uma dificuldade para o pesquisador, uma vez que as traduções brasileiras e portuguesas consistem — no que se refere à poesia — em apenas algumas poucas amostragens de um corpus muito maior. Como se isso não bastasse, existem diferenças significativas entre essas traduções, embora o pesquisador possa sempre justificá-las, sobretudo se se guiar pelas contribuições teóricas contemporâneas da tradução.

Tendo essas noções em mente, é possível considerar que as diferenças entre as traduções estejam apenas evidenciando o que há de “insondável” na escrita de Sylvia Plath e que, recriando-a, cada uma à sua maneira, seus tradutores estejam tentando reproduzir o processo de criação feito pela autora em seus embates com a linguagem e seus limites. Eu mesma pude sentir essas dificuldades ao decidir traduzir a maior parte dos poemas trabalhados ou apenas citados neste livro. Empenhei-me nessa tarefa diante de 83 poemas para os quais não havia tradução em português ou quando, se havia, senti que poderia oferecer uma outra proposta de tradução. Infelizmente esse trabalho, que era parte integral da tese de doutoramento em literatura comparada de onde este livro se originou, não pôde ser incluído aqui, uma vez que não obtive permissão dos atuais controladores do espólio de Sylvia Plath para reproduzir no presente volume a minha tradução desses poemas. A alegação transmitida pela editora Faber & Faber é de que essa tradução não poderia ser incluída no “contexto” deste livro, embora minha intenção

primordial fosse apenas facilitar a leitura do leitor brasileiro e oferecer uma amostra da singularidade da escrita de Sylvia Plath.

Procurando respeitar a proibição da editora inglesa, limitei-me a fazer como os outros pesquisadores da obra de Plath quando se veem às voltas com as dificuldades de censura impostas pelos controladores do espólio da autora. Assim, não incluí neste livro nenhuma citação que extrapole o uso moderado convencional permitido. Não obstante, elaborei no Anexo uma listagem completa das publicações em língua portuguesa, no Brasil e em Portugal, das traduções da poesia de Sylvia Plath. O leitor brasileiro poderá referenciar-se ali para localizar os poemas citados neste livro, além dos seus títulos em português e da numeração das páginas onde se encontram nos *Collected poems*.

As inúmeras paráfrases e recortes que fui obrigada a fazer diante da restrição editorial imposta promovem, lamentavelmente, uma imperdoável mutilação no corpo da escrita de Sylvia Plath e evocam a situação que ela menciona em “Poem for a birthday”. Estou convicta de que nenhuma restrição editorial impedirá que um texto literário continue a proliferar sentidos, que nenhuma interpretação totalizante jamais conseguirá aprisionar.

Sylvia Plath sabia melhor do que ninguém que o texto literário é a fantástica “cidade onde os homens são remendados” e nele a poeta sempre “renascerá tão boa quanto nova”.